

As Ciências Sociais e a Explicação por Mecanismos: Um Novo Enfoque Metodológico?

Jorge Ventura de Morais¹
José Luiz de Amorim Ratton²

1. Introdução

Este artigo tem como escopo discutir o seguinte problema teórico: Em que medida um enfoque metodológico³, baseado na noção de *mecanismos sociais*, pode ser útil para o desenvolvimento das Ciências Sociais? Para que isto possa ser feito devemos tentar responder inicialmente a pergunta: o que são mecanismos sociais?

2. O Que São Mecanismos Sociais?

A literatura recente sobre mecanismos sociais na Sociologia (Stinchcombe, 1998; Hedstrom e Swedberg, 1998; Elster, 1999) propõe distintas, mas de certa forma aproximadas, concepções do que é um mecanismo social.

Se partirmos de Merton (1968), mecanismos seriam processos sociais que tem conseqüências para as partes designadas da estrutura social. A principal tarefa da sociologia deve ser a de identificar mecanismos e estabelecer as condições sob as quais eles ocorrem, falham etc. Por outro lado, os mecanismos seriam os ‘tijolos’, componentes básicos do edifício das teorias de médio alcance.

Um outro funcionalista heterodoxo, Stinchcombe (1991), afirma que mecanismos são pedaços de teoria acerca de entidades em um nível diferente (por

¹ Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco.

² Doutorando em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco.

³ A metodologia deve ser entendida aqui como uma forma de crítica sistemática das noções, conceitos, inferências, a partir de dados estatísticos ou qualitativos, ou modelos de comportamentos compostos

exemplo, indivíduos) ao de outras entidades sobre as quais se teoriza (por exemplo, grupos). Tais pedaços fariam com que a teoria do nível mais elevado ganhasse flexibilidade e acurácia.

Dentro de uma tradição explicitamente individualista metodológica, duas definições se destacam:

A de Thomas Schelling (1998), que acredita que um mecanismo pode ser considerado um conjunto de afirmações que fornecem um relato plausível de como *inputs* e *outputs* estão ligados um ao outro. E a de Elster (1994), que afirma que mecanismo é algo intermediário entre leis e descrições, padrões causais facilmente reconhecíveis e que ocorrem freqüentemente sobre condições geralmente desconhecidas ou com conseqüências indeterminadas, permitindo mais explicação do que predição.

Um traço comum às definições apontadas acima: a ênfase teórico-analítica, o nível de generalidade intermediário, a vinculação com a necessidade de uma explicação em termos de causalidade como elemento constituidor das ciências sociais.

3. Mecanismos Sociais: Contra o Quê?

A explicação sociológica fundada em mecanismos é proposta como alternativa metodológica a três outras posições e sua especificidade consiste exatamente da recusa à lógica subjacente a tais posições, a saber:

1) Pode-se dizer que **o enfoque por mecanismos** é uma tentativa de superar o modelo dedutivista de inspiração Popperiana/Hempeliana – segundo a qual a explicação se dá por meio de subsunção dedutiva, sob leis universais (interpretadas como regularidades

pelas ciências sociais. Para alguns, as ciências sociais devem ser mais interpretativas do que explicativas. Para outros, construir modelos é a mais importante atividade das ciências sociais.

empíricas). Parte-se do princípio, que tal subsunção não explica, mas meramente generaliza problemas. O que se exige para uma explicação genuína é a introdução de novos conceitos que não estejam contidos no *explanandum*, ou, em outros termos, modelos descrevendo mecanismos sociais geradores plausíveis.

Além disto, dois outros pontos revelam a fraqueza desta posição, em que leis gerais explicam na sua universalidade conjuntos de fenômenos: a ausência de explicações em ciências sociais⁴, em conformidade com este modelo dedutivista canônico e a exigência de simetria entre explicação e previsão, dado que a ciência social tem uma baixa capacidade preditiva. Elster (1994) indica teoricamente esta possibilidade ao afirmar que explicações causais – baseadas em mecanismos – devem ser entendidas distintamente de predições. Pode-se explicar sem predizer e predizer sem explicar (Um exemplo seria o de um fenômeno social qualquer, em que a coexistência de dois mecanismos opostos não apresente necessariamente uma ‘teoria’ que nos diga quando um ou outro irá operar).

2) Em segundo lugar, a explicação por mecanismos difere não somente da mera subsunção, mas também do relato compreensivo ou interpretativo, próximo da etnografia. A invocação da *Verstehen* não faria referência necessária a qualquer mecanismo social. Ela simplesmente sugeriria uma fonte interna (mental) da ação individual (social ou não) sem que qualquer mecanismo explicativo propriamente dito esteja sendo especulado ou descoberto: podem ser (e ocasionalmente são) meras descrições em linguagem ordinária ou em termos de psicologia popular (Bunge, 1997).

Prosseguindo na crítica ao relato etnográfico, mecanismos devem possuir alguma generalidade e é esta generalidade – mesmo que circunscrita, limitada – é que

dá a eles o seu potencial explanatório. Explicações *ad hoc*, confeccionadas para um caso específico, não constituem uma explicação aceitável.

Como Elster (1994) aponta, se entendermos que a explicação causal é necessária, devemos distingui-las do “contar histórias”. Uma explicação causal genuína dá conta do que aconteceu, como aconteceu. Contar uma história é dar conta do que aconteceu como poderia ter acontecido (e talvez tenha acontecido).

3) Finalmente, o enfoque por mecanismos busca superar as limitações de um enfoque centrado nas relações entre variáveis. Um modelo de análise causal estatisticamente ancorado não explica nada. Ele simplesmente sumariza o fenômeno (Boudon, 1998). Modelos teóricos, que incluem necessariamente os mecanismos geradores responsáveis pela relação observada entre as variáveis, são absolutamente necessários para explicar os resultados de uma análise empírica.

Isto não quer dizer que a pesquisa quantitativa não seja essencial às Ciências Sociais, tanto para propósitos descritivos quanto para testar teorias.

O ponto crítico onde se quer tocar é a exigência de algum tipo de integração de teoria e evidência. Se considerarmos que um mecanismo social é um relato de **como** a mudança em alguma variável é produzida – uma conceitualização do que ocorre no processo – explicações sociológicas podem ser “reintroduzidas” na sociologia dirigindo o foco para mecanismos específicos pelos quais a mudança é produzida nos processos sociais. Isto pode resultar na especificação de tais relações em um modelo matemático, desde que estabelecido o foco sobre a mudança e a sua forma (teoricamente explicada) de ocorrência (Sorensen, 1998).

⁴ Utilizaremos aqui alternativamente os termos **ciências sociais** e **sociologia** de forma intercambiável, por acreditar que a natureza do problema sociológico pode ser aplicado também à ciência política e mesmo (!) à antropologia.

Nas palavras de Elster (1994), explicações causais devem ser distinguidas de afirmações sobre correlação. Se estamos em posição de dizer que um evento de um certo tipo é invariavelmente ou usualmente seguido por um evento de outra espécie, isto não nos permite dizer que eventos do primeiro tipo causam eventos do segundo, porque há outra possibilidade, os dois poderiam ser efeitos comuns de um terceiro evento.

4. Premissas da Explicação por Mecanismos

Estabelecidas as antípodas da explicação por mecanismos, podemos passar neste momento à discussão do que seriam os postulados fundamentais do ‘enfoque mecanístico’ (Bunge, 1997). Segundo Hedström e Swedberg (1998), tal enfoque pode ser caracterizado, grosso modo, por quatro traços fundamentais:

1) Explicações sociológicas devem ser baseadas em ações, isto é, os atores e não as variáveis são os agentes. Uma explicação baseada em mecanismos não pode ser construída sobre meras associações entre variáveis, mas **deve sempre fazer referência direta às causas e conseqüências da ação individual voltada para o comportamento de outros.**

A explicação baseada em mecanismos usualmente invoca um agente causal que são atores individuais e a ciência social deve sempre fazer referência às causas e conseqüências das ações destes indivíduos. Tal princípio, o individualismo metodológico⁵, estaria intimamente ligado com a idéia central da explicação baseada em mecanismos: **a compreensão do fenômeno é aumentada pelo ato de tornar**

⁵ O individualismo metodológico não implica escolha racional; nem o egoísmo (ele é compatível com qualquer conjunto específico de motivações); nem o caráter inato ou ‘dado’ dos desejos (ele é consistente com a visão de que desejos são moldados pela sociedade); finalmente não implica também individualismo político (é uma doutrina metodológica, compatível com qualquer orientação política ou

explícito o mecanismo gerador subjacente que liga um estado ou evento a outro, e nas ciências sociais as ações (individuais) constituem este *link*.

O que se defende aqui é que fenômenos sociais são explicáveis apenas em termos dos indivíduos, suas características, seus fins, suas crenças. A ação individual é a unidade elementar da vida social. Os fenômenos sociais resultam da ação e da interação entre indivíduos. A explicação em ciências sociais deve ser, portanto, capaz de reduzir fenômenos complexos a seus elementos constitutivos, as ações individuais.

Note-se contudo, que se optará por uma versão fraca do individualismo metodológico, na qual se assume que todas as instituições sociais em princípio podem ser explicadas apenas pelas conseqüências – pretendidas e não pretendidas – da **ação individual**. Apesar disto, não serão reconstruídos todos os nexos explicativos de todas as ações individuais anteriores ao fenômeno social que se quer explicar. Diante de uma ‘realidade’ constituída de histórias causais de extensão ilimitada, **praticamente** adota-se o procedimento de obter informações das histórias mais recentes. Assim, e aqui está o ponto “fraco” desta versão do individualismo metodológico, será necessário tomar certos macro-estados como dados e incorporá-los na explicação, para que ela possa ser ‘realisticamente’ construída.

2) Explicações sociológicas devem buscar precisão explicativa. Em outros termos, não devem estar situadas em um nível de teorização tal que implique em “indeterminação explicativa”, nem devem tentar estabelecer leis sociais gerais, improváveis de existirem no domínio da sociologia.

É próprio de um mecanismo não comportar uma aplicação universal que permita a predição e o controle dos eventos sociais, mas encarnar um encadeamento

normativa). O individualismo metodológico implica reducionismo – a explicação do complexo pelo simples.

causal que seja suficientemente geral e preciso para que possa ser encontrado em contextos variados. Menos que uma teoria, é muito mais que uma descrição, pois pode servir de modelo a outros casos ainda não encontrados.

Embora alguns (como Elster, ou mesmo Merton) não descartem uma eventual tentativa (limitada e futura) de passagem dos mecanismos à teoria geral, exige-se, no mínimo, que possamos identificar com antecedência as condições nas quais um ou outro mecanismo seja posto em ação.

Contudo, o número de condições que nós encontramos na realidade é grande demais para que possamos estabelecer, para cada uma de tais condições, o mecanismo característico. Assim, seguindo novamente Elster (1994), devemos considerar a explicação sociológica baseada em mecanismos a um só tempo indispensável e insuficiente. Isto porque, por um lado, tal tipo de explicação pode identificar os mecanismos que não seriam de outro modo percebidos, mas por outro, é insuficiente pois seu poder de previsão é quase nulo.

3) Explicações sociológicas necessitam contudo de um grau de abstração que selecione os fatores relevantes para a construção de modelos. Constitui-se assim o que chamaremos de enfoque analítico.

A característica chave deste enfoque é construir primeiro um modelo analítico da situação a ser analisada. Este modelo teórico é inicialmente formulado de maneira que inclua somente elementos que se acredita serem essenciais para o problema.

O ponto mais importante a ser ressaltado é que o alvo da análise teórica é **este modelo, e não a realidade que o modelo pretende explicar**. No entanto, na medida em que o modelo incorpora os elementos essenciais da situação concreta, os resultados da análise teórica certamente auxiliarão a esclarecer algo sobre a situação no ‘mundo real’ que o modelo pretende explicar.

Em outros termos, o que se quer acentuar aqui é que mesmo os relatos mais detalhados da realidade realizam seleções de traços, são sempre modelos de situações concretas e sempre distorcerão a realidade acentuando alguns aspectos e ignorando outros. Nas palavras de Hernes (1998), parodiando Monet, cientistas sociais não pintam pessoas, pintam imagens de pessoas.

4) Explicações sociológicas devem operar através de redução, buscando tornar claro o que liga *input* a *output*, *explanans* a *explanandum*. Em outras palavras, é necessário abrir a **caixa preta** colocada entre o que é **causa** e o que é **efeito**.

Assim, a explicação por mecanismos permite que se ultrapasse a constatação de uma **regularidade observável de tipo caixa preta**⁶ (da qual não se sabe porque e como ocorre). Podemos nos deslocar portanto, de uma formulação *Se A, então sempre B*, para *Se A, então sempre C, D e B* ou *Se A, então algumas vezes B*. Nesta perspectiva mecanismos são bons porque eles nos tornam capazes de explicar quando as generalizações falham, bem como porque **nos tornam capazes de fornecer melhores explicações**. Compreendendo os detalhes da história causal, reduzimos o risco de explicação espúria (Elster, 1999).

Por outro lado, se assumirmos que explicações *strictu sensu* são explicações sem caixas pretas, as explicações baseadas em mecanismos, para eliminar tais caixas pretas, exigem que concordemos com Boudon (1998) a respeito do fato de que elas devam não só buscar fundamentação no individualismo metodológico (que remeterá à ocorrência do fenômeno social em termos das suas unidades mínimas, portadoras do ‘impulso’ causal da ação) como também em uma noção de racionalidade não restritiva,

⁶ Exemplos de **explicação (ou regularidade) caixa-preta** em ciências sociais: uma associação estatística entre *classe* e *salário* diz que indivíduos de certas classes têm pior salário do que outros de outras classes **mas não diz nada porque isto acontece**. Para responder esta pergunta é necessário introduzir e explicar os mecanismos geradores que devem produzir as diferenças esperadas na média salarial entre grupos ocupacionais que os pesquisadores tem ligado a diferentes classes.

que inclua tanto os aspectos utilitários, quanto cognitivos e axiológicos como justificativas ‘razoáveis’ do desempenho de uma ação.

Compartilha-se aqui com Boudon (1998), em alguma medida, que “racionalidade é uma coisa, utilidade esperada é outra”. A evocação de razões justificadoras da ação, através da diferença entre custos e benefícios de linhas alternativas de ação, nem sempre ocorre. Isto porque ações baseadas em crenças normativas freqüentemente não são intencionais e ações baseadas em crenças cognitivas, na maior parte das vezes, não estão relacionadas com suas conseqüências esperadas (Boudon, 1998).

Os quatro pontos tomados acima podem ser considerados o núcleo de um enfoque baseado em mecanismos (apesar de diferenças mais ou menos significativas entre alguns autores) e a partir deles pode ser constituído o que Hedstrom e Swedberg (1998) chamam de “um estilo de ciência social que se debruça sobre **quebra-cabeças ou paradoxos sociais de médio alcance** para se obter uma explicação a um só tempo precisa, abstrata e baseada em ações individuais”.

5. Tipologias de Mecanismos Sociais

Mesmo resguardando o caráter abstrato do empreendimento analítico da explicação por mecanismos, a fidelidade a este enfoque explicativo exige que detalhemos em um nível mais específico a existência destes ‘construtos analíticos’.

Alguns autores podem nos dar algumas pistas.

Segundo Bunge (1997) existiriam na ciência mecanismos de muitos tipos: eletromagnéticos, nucleares, químicos, celulares, intercelulares, ecológicos, econômicos, políticos.

Nas Ciências Sociais, especificamente, conflito e cooperação, participação e segregação, institucionalização e rebelião, imitação e mercado, migração e colonização, inovação tecnológica e controle social sob várias formas.

No entanto, precisamos agrupá-los em tipos que dêem conta da tarefa de fornecer explicações tanto no nível de ocorrência macrossociológico dos fenômenos sociais, quanto no nível da sua necessária fundamentação microsociológica. Desta maneira, explicações apropriadas da mudança e/ou variação no nível macro devem mostrar como macro estados em um determinado ponto influenciam o comportamento de atores individuais e como estas ações geram novos estados macro em um momento posterior.

Três tipologias de mecanismos (baseadas em critérios diferentes de separação) podem nos ser úteis.

1) Segundo Coleman (apud Hedstrom e Swedberg, 1998), nas ciências sociais três tipos de mecanismos estariam em operação:

a) **Mecanismos situacionais (macro-micro)**, que fazem a ligação entre estrutura social ou outros estados, por um lado, e as crenças, desejos e oportunidades de algum ator individual (os exemplos aqui seriam todos os mecanismos formadores de crenças e de preferências).

b) **Mecanismos formadores de ação (micro-micro)**, seriam aqueles relacionados a todos as possibilidades de combinação específica de desejos individuais, crenças e oportunidades de ação, gerando uma ação específica. Seriam mecanismos de natureza psicológica e sócio-psicológica, tal como *dissonância cognitiva*.

c) **Mecanismos transformacionais (micro-macro)**, são aqueles através dos quais as ações individuais são transformadas em algum tipo de resultado coletivo, pretendido

ou não pretendido (os exemplos clássicos neste caso são os modelos derivados da teoria dos jogos)⁷.

2) Elster propõe uma outra forma de classificar os mecanismos sociais. O pressuposto para a classificação é o de que mecanismos em geral ocorrem aos pares. Por exemplo, “Igual atrai igual” e “opostos se atraem” podem acompanhar um ao outro. Existiriam dois tipos gerais de mecanismos:

a) **Mecanismos de tipo A** ocorreriam quando a indeterminação, no que se refere a ocorrência de um mecanismo ou outro, diz respeito a qual das cadeias causais será disparada em uma dada ‘situação social’.

b) **Mecanismos de tipo B** ocorreriam quando podemos prever que são postas em ação duas cadeias causais que afetam uma variável independente em direções opostas, deixando o efeito líquido indeterminado.

Com mecanismos A nós não podemos saber qual deles será disparado. Com mecanismos B, nós não somos capazes de saber o efeito líquido dos dois mecanismos opostos⁸.

3) Gambetta (1998) propõe uma classificação que combina os critérios das duas classificações anteriores. Segundo este autor, para evitar confundir níveis de análise, devemos distinguir mecanismos individuais propriamente ditos e os processos pelos quais eles são disparados pelas condições sociais (macro-micro) e geram resultados

⁷ Mecanismos devem ser identificados e elucidados em vários níveis: mecanismos atômicos (quase psicológicos), mecanismos moleculares (por exemplo, quando há mais de um par de mecanismos operando simultaneamente) e, finalmente, a interação entre mecanismos produzindo fenômenos psíquicos complexos e fenômenos sociais (Elster, 1999).

⁸ Elster mostra em diversas oportunidades como fenômenos sociais podem ser explicados a partir de mecanismos psicossociológicos. Um exemplo importante (Elster, 1990), entre outros, diz respeito à distinção entre regimes autoritários, totalitários e democráticos. Ao nível das motivações individuais, tal tipologia oferece uma diversidade e uma variação suficientes para compreender igualmente aqueles que são dotados de instituições diferentes. Contudo, observa o autor, tal tipologia dos regimes é uma construção frágil e artificial, que não pode servir senão a fins limitados. Um repertório de mecanismos que operam em todos os regimes seria muito mais útil para a explicação microsociológica destes diferentes arranjos políticos.

sociais (micro-macro). Mecanismos são apenas aquelas formulações mínimas sobre a ‘composição’ dos agentes que se requer para deduzir como eles interagem com os outros e respondem às condições externas.

As três classificações propostas acima devem ser compreendidas levando-se em conta três pressupostos fundamentais que auxiliam a elucidar a dinâmica do funcionamento da explicação por mecanismos:

- 1) A maior parte dos fenômenos sociais requer mais do que um mecanismo para fazer sentido. Mecanismos interagem uns com os outros formando concatenações de mecanismos (Gambetta, 1998).
- 2) Os efeitos produzidos pelos mecanismos no nível empírico dependem de condições contingenciais, incluindo aquelas produzidas por outros mecanismos (Sayer, 1998).
- 3) Mecanismos se apresentam sob forma de ‘famílias’: podemos agrupá-los, como Elster faz com os pares de opostos, a partir de critérios que indiquem mecanismos que produzem resultados similares e desfrutam similaridades e/ou diferenças (Schelling, 1998).

6. Considerações Finais

O progresso das ciências sociais, se levarmos a sério as conseqüências de um enfoque baseado em mecanismos, não consistiria em construir teorias gerais. Estabelecer proposições gerais e invariantes está fora de questão. Mas a opção alternativa ao pensamento **nomológico**, não é o método **idiográfico** de descrição ou de narração pura⁹, ou muito menos a hipostasia da associação entre variáveis. Para evitar

⁹ **Nomológico** (a partir de Windelband) é o que busca leis, enquanto **idiográfico** é o que propõe a descrição dos acontecimentos ou fatos particulares.

os inconvenientes de tais opções se desenha no cenário sociológico atual a opção pelo estudo dos mecanismos e dos seus componentes internos.

Mas, como alerta Elster (1994), a defesa de mecanismos não é um argumento contra explicações baseadas em leis, mas contra o argumento de que quando explicações falham, se tenha de cair na narrativa ou descrição.

“Explicações por leis são melhores, mas difíceis. Explicação por mecanismos opera quando e porque nós podemos identificar um padrão causal que pode ser reconhecido entre situações e que nos fornece uma resposta inteligível para pergunta: **porque os indivíduos fizeram aquilo?**” (Elster, 1998, p.).

Restam, contudo, um conjunto de elementos a serem elucidados. Tentaremos indicá-los como perguntas que, a título de conclusão deste ensaio, possam servir como guia para investigação teórica futura:

- Em que medida o conceito de Mecanismo Social está relacionado com o individualismo metodológico e quais são as implicações de tal fato para a construção de estratégias explicativas em Ciências Sociais?
- De que maneira a explicação por mecanismos está circunscrita pela prioridade normativa e metodológica dada à **racionalidade** (mesmo que não apenas em seus aspectos utilitários), enquanto motivação fundamental da ação humana?
- A recusa (mesmo que moderada) de identificação de leis gerais, não aproximaria **praticamente** o enfoque centrado em mecanismos dos modelos centrados na utilização de narrativas, com todos os seus inconvenientes metodológicos?
- Com que critérios podemos checar o grau de aproximação da ‘realidade’ de um mecanismo ou de um conjunto deles (Lawson, 1998)? Utilidade, capacidade de generalização? Isto não levaria a um patamar de validação discursiva altamente incerto e indeterminado?

- Quais são os critérios para a verificação se um mecanismo ou um conjunto deles foi disparado e está em operação? [Isto se concordamos que não é suficiente saber que o suspeito tenha motivo e habilidade para cometer um crime particular se ele não estava na cena relevante quando o crime ocorreu (Lawson, 1998)].
- Estabelecer as **condições** em que os pares ou famílias de mecanismos (redução de dissonância cognitiva/*wishfull thinking*, fraqueza de vontade/excesso de vontade, efeito de transbordamento(*spillover effect*)/efeito de compensação, efeito de contraste/efeito de repetição) são postos em ação, tanto separadamente (no interior do par ou família) quanto conjuntamente (mais de um par ou família de mecanismos) não nos aproximaria novamente da explicação fundada no modelo popperiano-hempeliano?
- Mecanismos não seriam inerentes à qualquer explicação sociológica? Dessa maneira, não estariam presentes em maior ou menor grau em explicações, mesmo quando os autores não estão desportos para isto?

Em resumo, tentamos mostrar, mesmo que de forma introdutória, a importância dos mecanismos sociais na explicação sociológica. Apesar de, parafraseando Merton, as explicações por mecanismos implicarem em teorias de médio alcance, a tarefa de refazer o empreendimento sociológico por esta via é trabalho de longo alcance.

Bibliografia

- BASHKAR, Roy. (1998), "Philosophy and scientific realism", in M. Archer *et alii* (orgs.), *Critical realism*, Londres, Routledge.
- BOUDON, Raymond. (1990), *O lugar da desordem*. Lisboa, Gradiva.
- _____. (1998), "Social mechanisms without black boxes", in P. Hedström & R. Swedberg (orgs.), *Social mechanisms: an analytical approach to social theory*, Cambridge, Cambridge University Press.

- BUNGE, Mario. (1997), "Mechanisms and explanation". *Philosophy of the Social Sciences*, Thousand Oaks, december (<http://proquest.umi.com>).
- COWEN, Tyler. (1998), "Do economists use social mechanisms to explain?", in P. Hedström & R. Swedberg (orgs.), *Social mechanisms: an analytical approach to social theory*, Cambridge, Cambridge University Press.
- D'AMICO, Robert. (1997), "Impossible laws". *Philosophy of Social Sciences*, Thousand Oaks, september (<http://proquest.umi.com>).
- ELSTER, Jon. (1983), *Explaining technical change*. Cambridge, Cambridge University Press.
- _____. (1994), *Peças e engrenagens das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- _____. (1998), "A plea for mechanisms", in P. Hedström & R. Swedberg (orgs.), *Social mechanisms: an analytical approach to social theory*, Cambridge, Cambridge University Press.
- _____. (1999). *Alchemies of the mind: rationality and the emotions*. Cambridge, Cambridge University Press.
- GAMBETTA, Diego. (1998), "Concatenations of mechanisms", in P. Hedström & R. Swedberg (orgs.), *Social mechanisms: an analytical approach to social theory*, Cambridge, Cambridge University Press.
- HEDSTRÖM, Peter. (1998), "Rational imitation", in P. Hedström & R. Swedberg (orgs.), *Social mechanisms: an analytical approach to social theory*, Cambridge, Cambridge University Press.
- _____. & SWEDBERG, Richard. (1998), "Social mechanisms: an introductory essay", in P. Hedström & R. Swedberg (orgs.), *Social mechanisms: an analytical approach to social theory*, Cambridge, Cambridge University Press.
- HERNES, Gudmund. (1998), "Real virtuality", in P. Hedström & R. Swedberg (orgs.), *Social mechanisms: an analytical approach to social theory*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LAWSON, Tony. (1998), "Economic science without experimentation", in M. Archer *et alii* (orgs.) (1998), *Critical realism*, Londres, Routledge.
- LITTLE, Daniel. (1991), *Varieties of social explanation*. Oxford, Westview Press.
- MANICAS, Peter. (1998), "A realist social science", in M. Archer *et alii* (orgs.), *Critical realism*, Londres, Routledge.
- MERTON, Robert. (1968), *Social theory and social structure*. Nova York, The Free Press.
- REIS, Fábio W. (1991), "O tabelão e a lupa: teoria, método generalizante e idiografia no contexto brasileiro". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16: 27-43.
- SAYER, Andrew. (1998), "Abstraction: a realist interpretation", M. Archer *et alii* (orgs.), *Critical Realism*, Londres, Routledge.
- SCHELLING, Thomas. (1989), *Micromotivos y macroconducta*. México, Fondo de Cultura Económica.
- _____. (1998), "Social mechanisms and social dynamics", in P. Hedström & R. Swedberg (orgs.), *Social mechanisms: an analytical approach to social theory*, Cambridge, Cambridge University Press.
- SORENSEN, Aage. (1998), "Theoretical mechanisms and the empirical study of social processes", in P. Hedstrom & R. Swedberg (orgs.), *Social mechanisms: an analytical approach to social theory*, Cambridge, Cambridge University Press.
- STINCHCOMBE, Arthur. (1970), *La construcción de teorías sociales*. Buenos Aires, Nueva Visión.

- _____. (1985), "Can the philosophy of science help science?". *Contemporary Sociology* 14, 2: 164-166.
- _____. (1998), "Monopolistic competition as a mechanism: corporations, universities, and nation-states in competitive fields", in P. Hedström & R. Swedberg (orgs.), *Social mechanisms: an analytical approach to social theory*, Cambridge, Cambridge University Press.
- VAN DEN BERG, Axel. (1998), "Is sociological theory too grand for social mechanisms?", in P. Hedström & R. Swedberg (orgs.) *Social mechanisms: an analytical approach to social theory*, Cambridge, Cambridge University Press.